

A NATUREZA JÁ NÃO SE DEFENDE. VINGA-SE!

Jacir J. Venturi

Um dos maiores paradoxos atuais da humanidade é zelarmos tanto pela saúde e bem-estar de nossos filhos e pouco nos importarmos com sua qualidade de vida, daqui a 30 ou 50 anos. "A terra não nos pertence. Ela foi emprestada de nossos filhos", advertia um cacique indígena americano, há mais de um século.

Ademais, torna-se insensato e irônico: nós, humanos, que nos proclamamos inteligentes, somos os únicos – os únicos – a promover o desequilíbrio natural.

Existe uma relação direta entre as agressões ao ambiente e os cataclismos provocados pela natureza injuriada. Conforme estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU), o aquecimento global tem provocado, a cada ano, 150 mil mortes e prejuízos de 70 bilhões de dólares. Em relação a 2005, a ONU também catalogou 360 desastres ambientais, dos quais 259 foram creditados à elevação da temperatura na Terra. O agravamento foi de 20% sobre o ano anterior.

A Mãe Natureza é, a um só tempo, primitiva e nobre ao agir. É agradecida com quem a trata bem, além de ser espontaneamente dadivosa, bela e vivificante. Porém, pedagógica. Sabe ser vingativa aos 6,5 bilhões de terráqueos: "se alterarem o equilíbrio natural, eu os arruíno" – diria ela.

"A sobrevivência de toda humanidade está em perigo. É o momento de sermos lúcidos. De reconhecer que chegamos ao limite do irreversível, do irreparável", adverte o Comunicado de Paris, assinado por representantes de 40 países, reunidos em fevereiro de 2007.

Não há mais o benefício da dúvida. O ser humano é o principal indutor do efeito estufa, de furacões, tufões, secas, inundações, incêndios. De fato, a Terra lança gritos agônicos por meio dos quais clama por uma atitude não apenas compassiva, mas também proativa. Não basta que haja uma consciência ambiental. Não basta condoer-se com a morte dos ursos polares.

A bem da verdade, o planeta será salvo não apenas pelos governos ou ONGs, nem pela nossa compaixão, mas pelas ações concretas de cada ser humano.

É preciso agir. Mesmo fazendo pouco, como o fabulativo beija-flor:

Era verão e o fogo crepitava feroz na floresta. Sobressaltados, os animais se dividiram. Alguns fugiram para o grande rio que permeava a floresta; outros se puseram a debelar o incêndio. Um beija-flor, nas suas idas e vindas, apanhava uma minúscula porção de água e a arremessava sobre as chamas. O obeso elefante, mergulhado no rio para proteger-se do fogo, perguntou ao beija-flor:

— Meu pequeno pássaro, que fazes? Não vêes que de nada serve a tua ajuda?

— Sim, respondeu o beija-flor, mas o importante para mim é que estou fazendo minha parte!

Jacir J. Venturi

Diretor de escola, professor, lecionou na UFPR e PUCPR,
no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Pré-vestibular.